

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

De que forma a relação e a interação da criança com a figura de vinculação na creche influencia o seu desenvolvimento.

Ana Lúcia Rodrigues Rua

Relatório Final realizado no âmbito da Área Científica da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Mestre Manuela Fonseca

Lisboa

Junho 2013

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

De que forma a relação e a interação da criança com a figura de vinculação na creche influencia o seu desenvolvimento.

Ana Lúcia Rodrigues Rua

Relatório Final realizado no âmbito da Área Científica da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Mestre Manuela Fonseca

Lisboa

Junho 2013

Dedico este relatório ao meu Pai que sempre quis que eu chegasse onde cheguei. Partiu cedo, mas sei que esteve e está sempre a olhar por mim...

Obrigada pai ...

Agradecimentos

Durante este percurso da minha vida, muitos foram aqueles que me ampararam com abraços, com palavras de encorajamento e sobretudo, com muito amor e carinho.

Foram muitos os momentos em que pensei desistir mas com a ajuda de várias pessoas, a minha família, amigos, colegas e professores (Professora Leonor Meneses; Professora Maria Lacerda; Professora Luísa Toscano; Professora Patrícia Limpo; Professores da equipa de Mestrados e Professora Ana Aires) consegui superar esses momentos e continuar. O meu muito obrigada a todos.

Um agradecimento especial à minha família que sempre esteve presente para me ajudar e me acarinhar, especialmente à minha mãe, pelas palavras de ânimo que me deu e com a sua ajuda nunca me deixou desabar por completo ou perder de vista o meu objetivo principal. Também ao meu irmão pela preocupação que teve em saber se estava bem.

Agradeço também ao meu namorado por ter caminhado ao meu lado durante todo este percurso, pela sua paciência e compreensão.

À minha madrinha por todo o apoio que me deu, principalmente nesta etapa final, ao ficar a cuidar da coisa mais importante da minha vida, a minha filha. Foi no ombro da minha madrinha que muitas vezes desmorenei, chorei e me ergui de novo.

Às minhas colegas, especialmente à Verita que esteve sempre ao meu lado durante os quatro anos. Chorámos, rimos, tivemos pequenos aborrecimentos mas, mesmo assim, estivemos sempre unidas.

À coordenação da instituição para qual desempenho as minhas funções como auxiliar de ação educativa, pela oportunidade que me deu em tirar este curso.

À Joana Gonçalves, obrigada pelos abanões que me deu quando eu estava mais em baixo e por todas as palavras de apoio, dizendo “tu consegues”.

Obrigado à professora Joaquina Duarte pelas palavras amigas e sobre tudo pela compreensão que teve durante o estágio e a realização do caderno de estágio.

Por ultimo, e não menos importante, muito obrigado à Professora Manuela Fonseca por ter estado sempre disponível para me escutar e esclarecer as duvidas, sempre com uma palavra positiva, um encorajamento, um livro para me emprestar para enriquecer o meu trabalho, uma solução para conseguir ultrapassar os obstáculos e também com preocupação de a minha filha nascer durante a tutoria.

Resumo

Este relatório final teve como ponto de partida o trabalho desenvolvido ao longo do estágio da unidade curricular: Prática de Ensino Supervisionado, para obtenção do grau de mestre em Educação Pré – Escolar. Atualmente, considera-se que a vinculação na creche desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança. Com o presente estudo procurei, essencialmente, compreender e estar mais recetiva à forma como se constrói uma vinculação que possibilite a construção de uma relação afetiva que gere segurança, primeiramente com os pais e depois com os cuidadores na creche.

Teve como objetivo, perceber de que forma a relação e a interação da criança com a figura de vinculação na creche influencia o seu desenvolvimento.

Para concretizar esta pesquisa recorri à investigação qualitativa e interpretativa, utilizando a entrevista semiestruturada como instrumento da investigação.

Foram realizadas entrevistas a cinco educadoras e a análise de dados recolhidos revelou a perceção que as educadoras têm em relação à construção de uma vinculação positiva na creche, sendo o educador uma figura de referência para a criança.

Palavras-chave: Vinculação; Creche; relação; interação; Sentimento de segurança.

Abstract

The basis for this report was the work done during the in-service supervised Teaching Training, with a view to obtaining the Master's Degree in Pre-School education.

It is common conviction today that the binding created during the pre-school years has an important role to play in the development of the child. With this study, I aimed above all to understand and be open to how the bonding is built, allowing the construction of a loving relationship able to generate security, first with the parents, and then with the carers within the nursery.

Its purpose was to understand how the relationship and interaction of the child with the linking figure in the nursery has a close bearing on the child's development.

To implement this study, I used qualitative as well as interpretive research, using the semi-structured interview as instrument of my research.

I interviewed five pre-school teachers, and my analysis of the collected data revealed the perception that they have about the construction of a positive binding in pre-school, where the teacher is a reference figure for the child.

Key-words: Binding; Pre-school; Relationship; Interaction; Security feeling..

Índice

Introdução.....	1	
CAPITULO I – REFERENCIAL TEÓRICO		
1 – Teoria da Vinculação.....	4	
1.1 – Vinculação entre mãe e bebê	8	
1.1.1 – A relação começa no ventre.....	9	
1.2 – Vinculação entre pai e bebê	10	
2 – Vinculação na Creche	10	
2.1 - Funcionalidade da Creche	13	
2.2 - Papel do Educador.....	14	
CAPITULO II – METODO DE PESQUISA / INVESTIGAÇÃO		
2.1 – Metodologia.....	17	
2.1.1 – Investigação qualitativa.....	17	
2.2.2 – Entrevistas semiestruturadas	19	
3 – Temática	20	
3.1 – Questões de partida.....	20	
4 – Contextualização		
4.1 – Caraterização da Instituição.....	21	
4.2 – Caraterização dos participantes no estudo.....	21	
5 – Procedimento da recolha de dados	23	
CAPITULO III – ANALISE INTREPERTATIVA DE DADOS		24
3.1 – Leitura dos dados recolhidos	25	
3.2 – Conclusão da análise de dados	28	
Considerações finais.....	29	
Referência bibliográfica	31	
Anexo.....	34	

Introdução

Iniciei o meu percurso formativo na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich (ESEIMU) em 2009, decidi alargar os meus conhecimentos, após 1 ano de ter terminado o Curso de Técnico Auxiliar de Ação Educativa na Escola de Agentes de Serviço e Apoio Social (ASAS), sita Rua de Santo António à Estrela.

Iniciei a minha prática como auxiliar de ação Educativa em 2008. Primeiramente estive a desempenhar as minhas funções na valência de AtI (Atividades de Tempos Livres), seguidamente no berçário, passando pela Creche (sala de dois anos) e estive ainda numa sala heterogénea de Jardim de Infância.

Durante este ano letivo encontro-me a desenvolver as minhas funções, como responsável de sala, no Berçário, com 9 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e 15 meses, na Instituição “C”, onde realizei o meu estágio.

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), propus-me desenvolver a temática da Vinculação, mais precisamente as relações e as interações da criança com a figura de vinculação.

Escolhi esta temática, por ser um assunto que me entusiasma e também pelo facto de estar a trabalhar no berçário e sentir que muitas vezes quando um bebé manifesta determinados comportamentos, nomeadamente o choro constante durante a sua permanência na creche ou quando não olha para o cuidador que lhe pega ao colo, os adultos não manifestam preocupação com esses comportamentos, achando que é normal.

No período de adaptação à creche, tudo isto é normal, mas se esses comportamentos continuarem o educador deverá tentar perceber o que se está a passar com o bebé.

Com o presente estudo pretendo, essencialmente, compreender e estar mais recetiva à forma como se constrói uma vinculação que possibilite a construção de uma relação afetiva que gere segurança, primeiramente com os pais e depois com os cuidadores na creche.

Atualmente não existem dúvidas que o vínculo que o bebê estabelece com os seus cuidadores, inicialmente com a mãe e posteriormente com outras pessoas, ultrapassa a satisfação das necessidades fisiológicas. Logo, a vinculação pode ser definida como um modelo específico de laço afetivo, no qual o bebê procura segurança e conforto na relação com a figura de vinculação. Os comportamentos envolvidos nesta relação podem ser definidos como comportamentos de procura de proximidade no sentido de encontrar segurança.

Estes comportamentos resultam do desconforto que o bebê experimenta quando é separado da sua figura de referência.

A investigação realizada foi qualitativa com uma abordagem interpretativa. Assim, "No âmbito dos estudos naturalistas, dá-se especial ênfase aos estudos descritivos (...) centrada nas abordagens interpretativas (Afonso, 2005, p.10). Na investigação qualitativa, refere-se a importância da investigação realizada pelo investigador. É recolhida no seio do ambiente natural e habitual do sujeito observado é aquela que se foca nos aspetos da vida educativa (Bogdan & Biklen, 1994).

O paradigma qualitativo interpretativo foi uma escolha fundamental e essencial, para que conseguisse chegar a uma perceção clara do problema apresentado. Para esta compreensão foi extremamente importante a consulta de vários autores de referência para poder encontrar o caminho de resposta ao problema exposto.

Posteriormente foram realizadas entrevistas a educadoras que têm experiência de trabalho em creche. As entrevistas são um dos métodos mais utilizados na investigação educacional.

A entrevista tem como ideia principal ser uma conversa com intencionalidade de uma forma orientada, implicando a existência de uma relação pessoal ao longo da qual os intervenientes têm funções bem definidas: o entrevistador faz as perguntas e o entrevistado responde (Máximo-Esteves, 2008). Considerando o estudo que me propus realize escolhi fazer entrevistas semiestruturadas. As entrevistas semiestruturadas permitem aprofundar algum conhecimento já construído e permitem ao entrevistado falar com naturalidade das suas vivências e da forma como se relaciona e se reconhece nelas.

A temática desenvolvida neste estudo é: **De que forma a relação e a interação da criança com a figura de vinculação na creche influencia o seu desenvolvimento.**

Para dar resposta ao presente estudo delinee as seguintes questões de partida:

- Como é valorizada a vinculação na Creche?
- Que comportamentos do bebé evidenciam a construção da vinculação da Creche?

Na busca pela elaboração do processo que me ajude e permita a análise do temática a ser tratada, e como forma de me facilitar a pesquisa defini os seguintes objetivos:

- Identificar e refletir sobre a forma como é valorizada e construída a vinculação na creche;
- Compreender como é que os cuidadores, nomeadamente os educadores contribuem para a construção de uma vinculação positiva;

Este relatório encontra-se estruturado em três capítulos distintos. No primeiro capítulo, está inserido todo o Referencial teórico que serve de fundamentação para este estudo e que se encontra dividido em dois pontos fundamentais, sendo o primeiro a Teoria da vinculação, nomeadamente a vinculação entre a mãe e o bebé e a vinculação entre o pai e o bebé. O segundo ponto refere-se à vinculação na creche. Neste ponto referi a funcionalidade da creche assim como o papel do educador.

No segundo capítulo, está inserido o método de pesquisa / investigação. Como metodologia de pesquisa, utilizei metodologia qualitativa interpretativa, permitindo que eu, como investigadora tivesse uma visão mais vasta do mundo real e das respostas obtidas. No que se refere ao processo de recolha de dados, optei por realizar entrevistas semiestruturadas, de modo a deixar o entrevistado descontraído, respondendo de uma forma informal.

No terceiro e último capítulo, insere-se a análise interpretativa de dados. Sendo esta realizada através de todas as informações recolhidas durante a realização do presente estudo. Estas análises conduzem a algumas reflexões para a prática profissional.

Por fim, estão as considerações finais, onde, em forma de conclusão, serão realizadas as reflexões e considerações finais sobre o estudo realizado.

CAPITULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1 – Teoria da Vinculação

“Existem muitas evidências de que os seres humanos, de todas as idades serão mais felizes e mais capazes de desenvolver os seus talentos quando estiverem seguros de que, por trás deles, existe uma ou mais pessoas, que virão ajuda-la caso surjam dificuldades”.

(Bowlby, 2005, p.4)

Segundo Bowlby (1974), a vinculação é um sistema primário específico, isto é, está presente a partir do nascimento com características próprias da espécie. Refere também que todo o comportamento do recém – nascido que tem como consequência e como função criar e manter a relação e interação com a mãe ou com a figura de vinculação.

O sistema comportamental de vinculação envolve vários comportamentos de vinculação motivados intrinsecamente, o que significa que as crianças desenvolvem um vínculo com os seus pais, independentemente de estes satisfazerem as suas necessidades fisiológicas (Cassidy, 1999). Numa perspetiva evolutiva, a manutenção da proximidade relativamente à mãe aumenta a probabilidade de sobrevivência, no período de maior vulnerabilidade – a infância – e aumenta também a probabilidade de reprodução (Simpson, 1999). Neste sentido, Bowlby (1973) afirma que a função do sistema de vinculação é a proteção, motivo pelo qual, as crianças estão especialmente predispostas a procurar os seus pais em situações perigosas e/ou angustiantes. Nestes casos, o sistema de vinculação seria ativado pela perceção de uma situação perigosa e desativado através da proximidade física da figura de vinculação (Bowlby, 1958). Mais tarde, Bowlby (1973) sugere que o sistema de vinculação estaria sempre ativo, com algumas variações de intensidade, dependendo das circunstâncias. Para além disso, Bowlby (1973) clarificou e aperfeiçoou a ideia da presença física da figura de vinculação, afirmando que esta presença significa disponibilidade do cuidador. Desta forma, a perceção de segurança e proteção da criança depende do facto de a figura de vinculação estar disponível e ser responsiva às suas necessidades.

Isto significa que, para além da presença/ausência física da figura de vinculação, o que influencia mais a segurança da vinculação são as expectativas da criança relativamente à resposta da figura de vinculação e a qualidade da comunicação pais-filho (Weinfield, Sroufe, Egeland&Carlson, 1999).As expectativas da criança são desenvolvidas através das experiências repetidas com a figura de vinculação. Deste modo, a criança desenvolve representações mentais do *self*, da figura de vinculação e do mundo. Estas representações, designadas por modelos de trabalho internos, permitem que a criança selecione o comportamento de vinculação mais adaptativo, com base na antecipação da resposta parental (Bowlby, 1973; Cassidy, 1988, 1999; Bretherton&Munholland, 1999; Weinfield, Sroufe, Egeland&Carlson, 1999).

Assim, o sistema de vinculação é conhecido como um sistema comportamental, estes comportamentos originam a proximidade com as figuras de vinculação de modo a que o bebé obtenha um sentimento de segurança e apoio psicológico, estas são as duas características básicas para a sobrevivência. Para que este sistema de vinculação seja desenvolvido pelo bebé é necessário que este viva as primeiras experiências com as figuras de vinculação. Estas experiências é que vão favorecer a criação dos modelos de referência que irão orientar o bebé na construção de laços afetivos.

O comportamento de vinculação pode ser reforçado ou enfraquecido por fatores situacionais, contudo a vinculação é durável, mesmo passando por situações adversas (Rajecki, Hoffman, Ratner, Harlow, Bowlby, Ainsworth, 1976).

Os comportamentos de vinculação, segundo Bowlby são definidos como um conjunto integrado de processos comportamentais destinados à reestruturação do sentimento de segurança a nível pessoal. Estes processos comportamentais, que desenvolvem a vinculação são resultantes da relação / interação do bebé com o seu meio ambiente e principalmente com a figura de vinculação, seja a mãe ou o cuidador.

A experiência realizada com macacos elaborada por Harlow (1961) veio confirmar a importância dos comportamentos de vinculação na relação / interação do bebé com a figura de vinculação.

Esta experiência consistiu em colocar filhos de macacos numa gaiola impedidos de se alimentarem e com dois bonecos que imitavam os corpos das

suas mães. Um dos bonecos era revestido de arame com um biberão preso e o outro boneco era revestido com um tecido aveludado e macio e não continha nenhum objeto de alimentação. O resultado desta experiência foi que os macacos interagiram muito mais com o boneco, cujo corpo era revestido com um tecido aveludado e macio, de maneira a encontrarem uma sensação de aconchego. Os macacos interagiram com o boneco de arame apenas para se alimentarem, pois após a alimentação estas procuravam logo o aconchego do boneco com tecido aveludado.

Através desta experiência pode-se inferir que a amamentação não contém um papel de muita importância no que diz respeito à construção da afetividade.

As diferenças individuais ao nível da qualidade da relação de vinculação têm sido divididas em duas grandes categorias, nomeadamente as relações de vinculação seguras e as relações de vinculação inseguras (Bowlby, 1973). Uma relação de vinculação é considerada segura quando a criança confia na figura de vinculação como sendo uma fonte disponível de segurança e conforto em situações de necessidade. Ao nível comportamental, as crianças com uma vinculação segura exibem poucos comportamentos de vinculação quando não existem perigos, mas quando percebem perigo são capazes de dirigir comportamentos de vinculação e, como resultado disso, sentem-se reconfortados pela figura de vinculação. As crianças com uma vinculação segura acreditam na sensibilidade e responsividade dos seus cuidadores e, como consequência, são crianças confiantes nas suas próprias interações com o ambiente envolvente (Ainsworth, 1989; Weinfield, Sroufe, Egeland&Carlson, 1999).

Pelo contrário, as crianças com uma vinculação insegura têm dúvidas em relação à disponibilidade dos cuidadores, receando que estes não respondam ou reajam de uma forma ineficaz às suas necessidades. Podem também demonstrar raiva em relação aos cuidadores pela sua falta de responsividade. A experiência repetida ao nível da não responsividade dos cuidadores leva a que a criança seja incapaz de dirigir comportamentos de vinculação nas situações adequadas. Por outro lado, estas crianças não se sentem capazes de explorar o ambiente e, por isso, têm menos confiança em si

próprias e no ambiente que as rodeia (Ainsworth,1989; Weinfield, Sroufe, Egeland&Carlson, 1999).

Ainsworth identificou, através da Situação Estranha, dois tipos de vinculação insegura: vinculação ansiosa-ambivalente e vinculação evitante. Relativamente ao grupo inseguro-ambivalente, os bebés mostram alguns sinais de ansiedade antes da separação da mãe e ficam muito angustiados durante a separação. Durante a reunião com a mãe, os bebés, por um lado, procuram proximidade, e, por outro lado, revelam resistência ao contacto, demonstrando sentimentos de ambivalência. O grupo inseguro-evitante é caracterizado por comportamentos de evitamento do bebé face à figura de vinculação, sobretudo nos episódios de reunião, em que a ignora ou se afasta. Além disso, os bebés raramente choram durante os episódios de separação (Ainsworth,1989).

O desenvolvimento do comportamento de vinculação decorre, de acordo com Bowlby (1988), ao longo de quatro fases. As três primeiras fases ocorrem no primeiro ano de vida e caracterizam-se pelos seguintes aspetos, numa ordem sequencial: (1) orientação e sinais sem discriminação de figura; (2) orientação e sinais dirigidos a uma ou mais figuras discriminadas; (3) manutenção da proximidade em direção a uma figura discriminada através da locomoção e de sinais. A última fase é designada por relação recíproca orientada para objetivos e começa por volta do terceiro ano de vida. Estas quatro fases são influenciadas pelas mudanças que ocorrem ao nível das competências emocionais, cognitivas, motoras e sociais, o que significa que o comportamento de vinculação vai apresentando diferentes manifestações, de acordo com as aquisições desenvolvimentais da criança, tanto ao nível da procura da proximidade, como ao nível da representação interna das relações de vinculação (modelos internos dinâmicos).

1.1 - Vinculação entre mãe e bebê

Muitas mães sentem uma ligação imediata ao seu bebê, outras demoram mais tempo a descobrir a “química” da Vinculação.

A chamada Vinculação precoce pode demorar um pouco mais a acontecer, pode ser mais difícil e deixar um sentimento de frustração e tristeza. Estes sentimentos podem surgir porque existe uma ideia fantasiosa de que as mães se “apaixonam” pelos seus bebês ao primeiro olhar. O sentimento de frustração, desilusão e culpa também poderá ser desencadeado quando existe uma idealização da função parental ou quando as expectativas em relação à maternidade são elevadas e / ou desajustadas, os mesmos podem ser agravados pela existência de vulnerabilidade psicológica previa, e desencadear na mãe uma indisponibilidade emocional para a interação com o bebê. Outros motivos para que o processo de Vinculação se prolongue no tempo é a recuperação do parto, dificuldades na amamentação e a privação do sono. Quando a capacidade da mãe para responder de modo adequado, consistente e atempado aos sinais do bebê esta afetada de forma significativa poderá haver tendência para a consolidação de padrões desadequados de interação mãe – bebê e o desenvolvimento de uma Vinculação segura poderá estar em risco. Se não existe estes sentimentos, os cuidados diários ao recém-nascido permitem, por si só, que a relação se fortaleça e a vinculação se desenvolva, por vezes o primeiro sorriso pode fazer toda a diferença.

A vinculação não é um processo unidirecional e vai sendo construída interação, dinâmica entre os dois “autores” envolvidos. Os comportamentos do do bebê irão atuar como desencadeadores sociais das respostas instintivas da mãe. Como disse Bowlby (1974), especialista britânico pioneiro na área da vinculação, “os comportamentos da criança são influenciados por características temperamentais e que bebês descritos como “fáceis” (boa regulação dos ritmos biológicos, baixa irritabilidade) facilitariam as primeiras interações com a mãe e promoveriam a sua manutenção. Isto significa que as características específicas do bebê afetam a evolução das interações e, por consequência, o comportamento materno”.

1.1.1 A Relação começa no ventre

“A mesma alma governa os dois corpos... As coisas desejadas pela mãe encontram-se muitas vezes gravadas no corpo da criança que a mãe traz dentro de si, no momento em que as desejou”.

Leonardo da Vinci

A relação entre mãe e filho inicia-se durante a gravidez, em especial quando a mãe começa a sentir os primeiros movimentos do bebé, este ouve a voz da mãe e o bater do seu coração. Podemos dizer que no momento do parto, os dois (bebé – mãe) já se conhecem, mesmo que só neste momento troquem o primeiro olhar.

“O conceito de vinculação pré – natal engloba os comportamentos representativos do vínculo afetivo e constitui-se como a forma mais precoce e básica da intimidade humana” (Benavente. 2013,p.10)

Os primeiros movimentos do feto no útero materno representam um ponto de partida para o esboço da identidade do futuro ser, um ser que, depois de sonhado, se projeta na mente dos pais e inicia com eles um processo de vinculação (Sá, 2001).

Para uma boa consolidação da vinculação iniciada na gestação é fundamental a existência de interações entre a mãe e o bebé após o nascimento do mesmo.

No geral a relação única, particularizada e duradoura entre a mãe e o bebé é estabelecida desde os primeiros contactos entre ambos e é facilitada pela adequação do sistema hormonal da mãe e estimulada com a presença do bebé.

Siddiqui (1999) sublinha que a relação que uma mulher grávida tem com o seu companheiro tem um impacto muito importante no estabelecimento da vinculação pré-natal, referindo ainda que mulheres que apresentam uma relação positiva com os seus companheiros expressam uma maior vinculação com o bebé.

1.2 – Vinculação entre pai e bebê

Também o pai tem um papel muito importante no desenvolvimento da criança, durante a gravidez, pode dizer-se que também o pai engravida vivendo todo um conjunto de processos característicos desse período, cuja expressão máxima é conhecida como síndrome de Couvade. Hoje sabe-se que, quanto maior for o envolvimento do pai durante a gravidez maior será a disponibilidade para perceber os sinais precoces do bebê e conseqüentemente um maior envolvimento na vida da criança (Sá, 2001).

Colman e Colman e Camus (citados por Camarneiro, 2007), durante muitos anos o homem manteve-se como mero expectante da gravidez, no entanto tem hoje um papel fundamental. Atualmente o homem tem um papel mais ativo participando no desenrolar da gravidez, frequentando as consultas pré-natais, assistindo ao parto e ajudando a cuidar do bebê. Assim, os homens começam a tomar consciência da importante mudança que ocorre na sua vida, procurando ter a sua experiência pessoal da gravidez.

Os casais procuram cada vez mais alcançar uma nova igualdade no envolvimento parental, sendo necessário que o pai estabeleça, o mais precocemente possível, relações diretas e fortes com o seu filho.

2 - Vinculação na Creche

Carvalho, Sales e Guimarães (2002) consideram a chegada das crianças à creche é sempre um momento causador de ansiedade para todos, pois todos sabem que se aproxima o momento de separação. Crianças, pais e educadores devem ter um cuidado especial com a etapa de adaptação, sendo extremamente importante, para garantir um atendimento de qualidade capaz de propiciar condições adequadas para um desenvolvimento completo e saudável das crianças do ponto de vista social e emocional.

As crianças até aproximadamente seis meses, em geral não manifestam muitas questões na sua adaptação. O que não quer dizer que o façam mais tarde. A partir dos seis meses até aos vinte e quatro meses de idade, no período de adaptação as crianças manifestam reações de choro, resistem à

separação dos pais e quando estão com pessoas ou em situações diferentes das que lhes são familiares, reagem quando veem pessoas estranhas.

É comum as crianças apresentarem modificações nos seus comportamentos, como por exemplo resistirem ao sono e à alimentação, não querem ficar na sala, afeiçoarem-se a qualquer objeto como por exemplo a fralda, a chucha, a um brinquedo, ou seja ao chamado objeto de transição, que na maioria das vezes os educadores na primeira reunião com os pais, antes da entrada na creche indicam os pais para que a criança leve um objeto de casa, pelo menos na fase da adaptação. A maneira como a família vê a entrada da criança para a creche tem bastante interferência nas emoções e reações das crianças durante a fase de adaptação. Para facilitar a adaptação, a creche deve disponibilizar-se a minimizar essa ansiedade e orientar a família para esta fase, isto tudo de acordo com a necessidade de cada bebé. No primeiro dia da criança na creche o educador deve estar centrado na criança, de maneira especial, sem deixar de interagir com as restantes crianças. Este processo de adaptação pode demorar dias ou meses, e deve ser encarado como uma fase de conhecimento e de construção dos vínculos com a equipa pedagógica da creche e sobre tudo entre a creche e a família, pois ambos terão que trabalhar em parceria para que a criança se sinta segura na creche.

Uma relação exclusiva/diádica dá lugar a um contexto múltiplo de cuidados, onde a mãe continua a ter uma consideração vital, mas onde pode partilhar o desenvolvimento do seu bebé.

A teoria da vinculação, desenvolvida por vários autores como Spitz, (1945), Harlow, (1976), Bowlby (1974), e Ainsworth et al. (1978, 1982), vem afirmar que através da relação, que se estabelece entre a mãe e a criança é possível alargar e desenvolver futuras relações com outras crianças e adultos, por isso a entrada para a creche, onde existem crianças e adultos, profissionais, pode dar continuidade ao seu desenvolvimento a nível social (citados por Portugal 1998).

Como foi referido anteriormente, Bowlby (1971) definiu a vinculação como a primeira relação afetiva da criança, que ocorre normalmente com a mãe e que serve como base para todas as futuras relações. Já para Ainsworth (Ainsworth & Bell, 1970), a vinculação pode ser definida como a ligação afetiva que uma pessoa cria com outra significativa, unindo-as numa relação que

perdura ao longo do tempo. Esta outra pessoa significativa, ao longo do primeiro ano de vida do bebê, tornar-se-á uma figura de vinculação, uma vez que é esta que lhe proporciona os cuidados básicos e assegura a sua sobrevivência, sendo capaz, deste modo, de proporcionar uma experiência de segurança (Bowlby, 1971). Porém, o autor (Bowlby, 1971) faz uma pequena ressalva, referindo que a figura de vinculação não é necessariamente a mãe biológica da criança, mas sim a pessoa que lhe presta cuidados e à qual ela fica vinculada. Por esta razão, também é comum, que a maioria das crianças, por volta dos doze meses, possua mais do que uma figura de vinculação (e.g. avós), ainda que de forma hierarquizada.

Deste modo, podemos considerar como figura de vinculação a figura em relação à qual a criança irá dirigir o seu comportamento de vinculação. Segundo Guedney (2004)

“(...) é susceptível de se tornar figura de vinculação qualquer pessoa que se envolva numa interação social viva e durável com o bebê e que responda facilmente aos seus sinais e às aproximações. Assim, a figura de vinculação não é exclusivamente a mãe, podendo as crianças efetuarem múltiplas vinculações, as quais serão hierarquizadas não apenas em função dos cuidados prestados ao bebê mas também da qualidade das características precedentes.”

Para além das relações com os pais e outros familiares, a partir da creche as crianças desenvolvem também relações próximas com outros adultos, especialmente com os seus educadores e auxiliares de ação educativa.

Portugal (1993) indica vários autores que concluem que a qualidade dos cuidados concedidos à criança, em casa e na creche, são determinantes. Refere também alguns estudos que concluem que a permanência da criança numa creche de boa qualidade, além de não influenciar negativamente a relação de ligação com a mãe, promove o desenvolvimento social da criança. As crianças que permaneceram mais tempo na creche têm comportamentos diferentes, como por exemplo demonstram sentimentos mais afetuosos com os cuidadores. Portugal (1998).

O papel da creche é complementar ao papel da família na tarefa de criar vínculos, tentando conjugar os interesses da família com os interesses da

criança. Do dia-a-dia na creche, todas as rotinas pressupõem interações e contactos físicos entre crianças e adultos, por exemplo mudar a fralda, lavar, vestir, dar de comer, abraçar, entre outros, representando momentos onde a vinculação está a ser desenvolvida e consolidada.

2.1 Funcionalidade da Creche

“A creche, numa fusão constante de cuidados e educação, pode promover experiências na vida da criança, desenvolvendo e facilitando a sua aprendizagem através das interações com o mundo físico e social.”

(Portugal, 1999, p.120)

Sabemos que a creche, além de constituir um serviço à família, pode responder às necessidades educativas dos mais pequenos. A maior parte das pessoas são unânimes quando dizem que a creche não é apenas um local de guarda das crianças, mas sobretudo um meio educativo (Portugal, 1998, p.124).

Na Creche, importa garantir que as experiências e rotinas diárias da criança assegurem a satisfação das suas necessidades, nomeadamente as necessidades físicas, assim como as necessidades de afeto, de reconhecimento e de afirmação, de se sentir competente, de segurança e as necessidades de significados e de valores.

As crianças necessitam de atenção às suas necessidades psicológicas e físicas o que prevê uma relação com alguém em que confiem, assim como uma experiência de um ambiente seguro e saudável. Deste modo, é fundamental que na Creche tenha salas com um número reduzido de crianças e pouca rotatividade e mobilidade dos cuidadores. O tamanho do grupo é essencial para que o educador consiga oferecer cuidados, ao bebé, mais individualizados e inclusivos, permitindo que haja mais intimidade e segurança na relação entre o bebé e o educador. Nos grupos pequenos, os diálogos entre os cuidadores e as crianças, através dos gestos vocalizações, contatos através do olhar, permite construir relações interpessoais positivas com todos os bebés, tornando mais acessível ir ao encontro das suas necessidades e capacidades.

Desta forma, torna-se mais fácil a existência de cooperação entre a Creche e as famílias, estabelecendo uma relação de confiança e ao mesmo tempo respeitando as diferenças culturais e especificidades de cada uma.

As relações que os cuidadores estabelecem com o bebê na Creche são reconhecidas como verdadeiras relações educativas, que vão para além de uma simples relação de “tomar conta”. As interações positivas, cuidados de rotina, atividades livres e brincar com os cuidadores são as grandes estratégias de desenvolvimento curricular, sem esquecer a importância do estabelecimento de relações colaborativas, com as famílias.

Como Portugal (2002) refere que, o bebê tem a capacidade de absorver e integrar todas as experiências vividas. As mesmas fazem parte da forma de sentir e de ver o mundo, logo cabe a cada profissional da creche compreender as diferentes formas de assegurar a continuação das finalidades educativas da creche.

2.2 - Papel do Educador

O papel dos adultos na creche não é o de impor o desenvolvimento da criança, mas sim garantir que as experiências e as rotinas diárias da criança lhe transmitam segurança emocional e encorajamento, sendo fundamental para aprender durante a sua vida, mesmo depois de adulta. A aprendizagem acontece desde o nascimento e durante a vida toda, é necessário que nos primeiros anos de vida exista a preocupação de promover um desenvolvimento global da criança, em vez de ser só pensado exclusivamente nos cuidados básicos, logo o papel do educador e da creche é fundamental (Portugal, 1998). A ligação da criança ao educador, influencia a sua adaptação, tanto a nível emocional como a nível social, quando a criança chega à creche. As ligações da criança ao educador são diferentes das ligações da criança à mãe ou ao pai, mesmo quando a criança tem relações inseguras no seio familiar, podem desenvolver uma relação segura com o educador (Portugal, 1998).

O cuidador deve ter uma atitude afetiva, acolhedora, deve ser capaz de alimentar, mudar as fraldas, impor limites, dar carinho, estimular as áreas de desenvolvimento para que a criança se desenvolva como um todo.

Segundo Lipp (2002), a creche é o primeiro ambiente social onde a criança, desde muito cedo se insere, e é neste primeiro momento de separação da mãe, que o educador tem um papel fundamental no seu acolhimento. O Educador ao criar um ambiente seguro, estável e ao mesmo tempo lúdico está a proporcionar a interação entre as crianças da mesma idade, e é nessa relação entre elas que passa a haver uma promoção de trocas construtivas.

Note-se ainda que a relação de vinculação evolui à medida que criança e os educadores e auxiliares de ação educativa a vão construindo, no seio da complementaridade entre o sistema de vinculação da criança e o sistema de prestação de cuidados dos cuidadores, passando por várias reorganizações. Este ajustamento mútuo, permanente na relação de vinculação, é designado por Bowlby (1988) como parceria de correção de objetivos - a dialética entre quem aprende e quem ensina.

Esta relação / interação inicia-se com a troca, de olhar, sorriso, toque e interação corporal, sem cooperação e vai evoluindo para ações em conjunto até chegar ao jogo cooperativo.

Ao considerar que a criança tem aptidões para constituir e marcar as relações sociais com os seus pais e com outras crianças, o educador deve utilizar diferentes formas de interações com elas. O educador deve interagir de uma forma lúdica. Esta interação é bidirecional ou multidirecional, neste sentido o carácter lúdico transmite o prazer, o envolvimento, a exploração e a descoberta do mundo exterior que a rodeia (Aragão, 2004).

O educador tem um papel distinto do da mãe e do pai, sendo descrito pelo, o seu saber profissional, pela sua experiência, seu conhecimento da situação e das possibilidades de desenvolvimento do jogo que irá abrir novas perspectivas para a criança (Aragão, 2004).

Para Brazelton (1988), se os educadores pretendem promover a ligação da criança à mãe e da mãe ao bebé, devem dar uma atenção constante ao estado de desenvolvimento e características individuais do bebé e dos pais.

Assim, o agir de Educar é ter sempre presente, o agir de cuidar e proteger, significa ter a conceção da existência de relações de vinculação ao longo do ciclo vital, em variados contextos de experiência humana, e que qualquer que seja a relação de vinculação que tomemos é sua característica

fundamental proporcionar invariavelmente “segurança sentida” (Sroufe. &Waters, 1977).

CAPITULO II – METODO DE PESQUISA / INVESTIGAÇÃO

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e as incertezas que isto implica.”

(Quivy&Campenhoudt, 2008, p.29)

2.1 – Metodologia

A metodologia “é o momento do trabalho em que o investigador define o método que irá adotar para alcançar os objetivos que se propõe, a forma como irá proceder à recolha de dados e em que opta por uma determinada tipo de pesquisa” (Cunha, 2009, pag.52)

A escolha da opção metodológica assume um papel fundamental na realização de uma investigação. Para a definição da metodologia a usar, é indispensável estabelecer os objetivos assim como as questões a que a investigação irá responder.

Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e as incertezas que isto implica (Quivy&Campenhoudt, 2008, p.29).

2.1.1 – Investigação qualitativa

Existe um padrão metodológico entre os conceitos de investigação qualitativa e quantitativas. Natércio Afonso, refere que existe um “debate tradicional entre os defensores de cada uma destas abordagens” pois a investigação quantitativa baseasse em critérios matemáticos e estatísticos evidenciando-se pela objetividade dos resultados. A investigação qualitativa resulta de intenções articuladas por atores individuais em contextos delimitados, logo é caracterizada pela subjetividade.

O presente estudo, assenta no paradigma da investigação qualitativa, uma vez que é fundamental a observação direta e participativa, que irá contribuir para que esta seja desenvolvida positivamente.

Segundo Bogdan e Biklen, esta investigação é descritiva, sendo os dados recolhidos e analisados minuciosamente com o objetivo de ser melhor compreendidos, assim como o objeto de estudo, respeitando o seu registo rigoroso.

Os mesmos autores definem cinco características para a investigação qualitativa, sendo que, a primeira recai sobre o papel fundamental do investigador: “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (Bogdan& Biklen,1994, p.47, 50). Explicitam também que é fundamental a observação, sendo este o instrumento principal do investigador.

Alguns dos investigadores poderão utilizar diversos métodos, nomeadamente equipamentos audiovisuais, grande parte deles resume-se apenas a registar aquilo que observa por escrito.

Tendo em conta que, a segunda característica da investigação qualitativa enunciada pelos autores é: “A investigação qualitativa é descritiva” (Bogdan&Biklen, 1994), exige-se que, ao desenvolver as notas de campo por escrito, assim como outras recolhas que sejam transcritas, é fundamental que esta transcrição do real seja feita de forma rigorosa, descrevendo todas as situações que foram decorrendo, utilizando também uma discurso direto, como forma de entender e analisar aprofundadamente todos os dados recolhidos.

Quando, por algum motivo, esta recolha não é feita minuciosamente, poderão ocorrer erros, que, certamente irão prejudicar o investigador, uma vez que, os dados que recolheu acabarão por não ser, totalmente verdadeiros.

Seguidamente será explicitada a terceira característica da investigação qualitativa: “Os investigadores qualitativos, interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Bogdan&Biklen, 1994), ou seja, toda a recolha de dados, assim como a análise dos mesmos é o que dará respostas ao tema no qual se trabalha.

Através de toda esta recolha de dados, chega-se à quarta característica da investigação qualitativa: “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva” (Bogdan&Biklen, 1994), ou seja, o investigador não recolhe dados com o intuito de confirmar ou não, algo que já tenha formulado. Logo, é a medida que vai recolhendo dados, que estes o vão levando a alguma conclusão ou resposta.

Os dados deverão então ser recolhidos de forma exata, e todos juntos acabarão por levar a uma resposta, que será, ou não, a pretendida.

A quinta e última característica da investigação qualitativa, “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa” (Bogdan&Biklen, 1994), prende-se com o facto de ter de se estabelecer estratégias de modo a que se encontrem sempre em aprendizagem, apreendendo conhecimentos através de diversas perspetivas.

Os investigadores qualitativos, demonstram também uma enorme preocupação com os seus registos, uma vez que, é fundamental que o outro entenda as suas experiências, o modo como as interpretam e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem.

As características da investigação qualitativa, são então aplicadas ao longo de todo este estudo, tendo em conta que se deverá aprender com as experiências, recolhendo dados sempre que necessário de forma rigorosa e concreta, a fim de os poder utilizar como forma de aquisição de conhecimentos.

2.1.2 – Entrevistas semiestruturadas

Para esta investigação qualitativa, havia a hipótese de escolha de várias técnicas de recolha de dados. Contudo escolhi a técnica das entrevistas

Natércio Afonso caracteriza as entrevistas como sendo a técnica de recolha de dados mais utilizada na investigação naturalista, que “consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situações de face a face ou por intermedio do telefone” (Afonso, 2006, p.97).

Na investigação naturalista a realização de entrevistas constitui uma das técnicas de recolha de dados mais frequente. Consiste ela numa interação verbal entre o entrevistador e o entrevistado ou respondente, em que o primeiro regista toda a informação fornecida. De facto, “uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (Morgan, 1988), dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informação sobre outra” (Bogdan&Biklen, 1994, p. 134).

As entrevistas qualitativas variam quanto ao modo como são estruturadas. Geralmente “distingue-se entre entrevistas estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas, em função das características do dispositivo

montado para registrar a informação fornecida pelo entrevistado” (Afonso, 2005, p. 97).

Nas entrevistas estruturadas, o entrevistado responde a um conjunto de perguntas previamente definidas, dentro de um determinado conjunto de respostas também predefinido.

Nas entrevistas não estruturadas o entrevistador estimula o entrevistado a falar sobre um determinado assunto ou em questões, em que poderá existir uma maior interação verbal entre ambos, sem que haja perguntas específicas ou respostas codificadas. Segundo Afonso 2005, p.98) estas entrevistas, estão direcionadas, fundamentalmente, para a compreensão do comportamento complexo e dos significados construídos pelos indivíduos, sem aplicar uma categorização exterior que limite excessivamente o campo da investigação.

As entrevistas semiestruturadas permitem aprofundar algum conhecimento já construído e permite ao entrevistado falar com naturalidade das suas vivências e da forma como se relaciona e se reconhece nelas. Tem como ponto de iniciação um guião que deverá ser estruturado contendo pontos anteriormente assentes pelo investigador. Máximo-Esteves (2008) refere tratar-se de um conjunto de grandes questões que serão colocadas a todos os respondentes em distintos momentos. As questões que são colocadas dão asas a respostas vastas e desejavelmente largas, racheadas de pormenores, onde estarão patentes os pontos de vista da pessoa entrevistada.

3 – Temática

- De que forma a relação e a interação da criança com a figura de vinculação na Creche influencia o seu desenvolvimento.

3.1 – Questões de partida

- Como é valorizada a vinculação na Creche?
- Que comportamentos do bebé evidenciam a construção da vinculação da Creche?

4 – Contextualização

4.1 – Caraterização da Instituição

A Instituição situa-se entre Porto Salvo e Oeiras, inserida numa vivenda com cave, r/c e 1º andar.

A Instituição tem uma entrada própria, pois situa-se numa quinta.

Para além de todas as brincadeiras livres que o local oferece, existe um parque em chão esponjoso, composto por três balancés com molas, triciclos entre outros brinquedos à disposição das crianças. Este local possui uma cobertura para o sol mas não para a chuva. As crianças podem usufruir de um parque de merendas, um parque de índios, um campo de jogos, uma horta, um pomar e, uma vez que nem todos os espaços são cultivados, há possibilidade das crianças plantarem árvores e, por isso, estarem em contacto direto com a Natureza.

Em relação ao espaço interior, neste existe quatro salas de Creche, quatro salas de Jardim de Infância, uma sala de Centro de Estudos, dois refeitórios, uma Sala de Acolhimento (visionamento de televisão e vídeo; acolhimento e saídas), um ginásio (onde se realizam as aulas de ballet, de expressão físico-motora, aulas de karaté, festas, apresentações teatrais, entre outras) uma secretaria, uma Sala de Direção e Coordenação, uma Sala para o Pessoal Docente, uma sala para a Psicóloga, uma sala de material, uma sala de reuniões, quatro casas de banho, sendo um para adultos e as restantes para as crianças, e uma arrecadação e uma lavandaria.

4.2 – Caraterização dos participantes no estudo

“Determinado grupo de indivíduos „representa” particularmente bem determinado fenómeno, opinião ou comportamento e, por esse facto, são escolhidos para o seu estudo”

(Almeida & Freire, 2000, p.105).

As entrevistas¹ semiestruturadas foram realizadas a cinco educadoras, com diferentes idades e anos de serviço.

- **Educadora A**

- **Idade:** 53 Anos
- **Anos de Serviço:** 33 Anos
- **Habilitações:** Bacharelato em Educação de Infância e Licenciatura em Gestão Escolar
- **Instituição formadora:** Escola Superior de Educação João de Deus

- **Educadora B**

- **Idade:** 44 Anos
- **Anos de Serviço:** 22 Anos
- **Habilitações:** Licenciatura em Educação de Infância
- **Instituição formadora:** Escola Superior de Educação João de Deus

- **Educadora C**

- **Idade:** 35 Anos
- **Anos de Serviço:** 11 Anos
- **Habilitações:** Licenciatura em Educação de Infância
- **Instituição formadora:** Escola Superior de Educação de Lisboa

- **Educadora D**

- **Idade:** 35 Anos
- **Anos de Serviço:** 11 Anos (5 anos em Creche)
- **Habilitações:** Licenciatura em Educação de Infância
- **Instituição formadora:** Escola Superior de Educação de Lisboa

- **Educadora EF**

- **Idade:** 33 Anos

¹ Todas as entrevistas encontram-se no final deste Relatório Final, em anexo.

- **Anos de Serviço:** 3 Anos
- **Habilitações:** Licenciatura em Educação de Infância
- **Instituição formadora:** Instituto Superior Ciência Educativas

5 – Procedimento da recolha de dados

Para a realização deste estudo e concretização do presente relatório final, foi fundamental realizar uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre a temática apresentada, assim como seguir um conjunto de procedimentos. Desta forma, irei apresentar de seguida por ordem cronológica, todos os procedimentos que foram efetuados:

- Caracterização da instituição;
- Identificação da temática, tendo como principio a prática pedagógica e tutoria em grupo realizadas na unidade curricular de Investigação em Educação, lecionada pela Doutora Helena Rosa Nogueira;
- Pesquisa bibliográfica sobre a temática;
- Definição da metodologia a utilizar no decorrer do presente estudo, sendo eleita a investigação qualitativa interpretativa, assim como a forma como recolher a informação necessária, neste caso foram as entrevistas a cinco educadoras;
- Elaboração de um guião de entrevistas semiestruturadas a educadores que lecionam ou já lecionaram em Creche, mais precisamente em Berçário;
- Exposição dos pareceres relacionados com o problema estabelecido;
- Tutoria com o objetivo de esclarecer dúvidas e de definir o caminho a seguir;
- Exposição das entrevistas semiestruturadas e da pesquisa documental como forma de recolha de dados;
- Transcrição das entrevistas;
- Análise e interpretação dos dados recolhidos;
- Considerações Finais;
- Construção final do relatório.

CAPITULO III – ANALISE INTREPERTATIVA DE DADOS

“Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.”

(Bogdan&Biklen, 1994, p. 50)

Segundo Bogdam e Biklen (1994), o processo de análise de dados baseia-se na seleção e organização de toda a informação recolhida, seja por entrevistas, notas de campo, etc. de uma forma clara, bem como a divulgação dos dados recolhidos.

A técnica de análise de dados é determinada pela forma como é organizado o tratamento dos dados com o objetivo de produzir conhecimento científico (AFONSO, 2005, pag.111). Para iniciar esta análise comecei por descrever toda a informação que recolhi através das entrevistas semiestruturadas, realizadas a educadoras, onde consegui perceber a importância dada pelas educadoras à temática da vinculação.

Nesse sentido, passei para a elaboração dos guiões das entrevistas, Os guiões foram aplicados a cinco educadoras. Tive a preocupação de realizar entrevistas apenas a educadoras com a experiência de trabalhar em creche.

Neste estudo serão apresentados os dados recolhidos através das entrevistas feita a educadoras.As Educadoras que se disponibilizaram para ter uma pequena conversa agradável e bem-disposta foram: a A, B, C, D, E. De forma a salvaguardar a identidade dos entrevistados optei por identificá-los através de uma letra.

Após a leitura e análise das Entrevistas realizadas, defini como indicadores a valorização de uma vinculação, a forma como ela pode ser construída e quais os comportamentos do bebé, que as educadoras evidenciam perante a construção da vinculação.

Para dar resposta aos objetivos e às questões de investigação, foram formadas duas categorias: a categoria A, diz respeito à valorização da

vinculação na Creche. Esta categoria pretende analisar quais as informações que o educador privilegia saber, acerca do bebé, que possa contribuir para a construção de uma vinculação positiva, assim como o modo como o educador valoriza vinculação e como se valoriza, na Creche a vinculação com os cuidadores. Para esta categoria irão ser analisadas as três primeiras perguntas das entrevistas realizadas às educadoras. A categoria B refere-se aos comportamentos do bebé que evidenciam a construção da vinculação. Nesta categoria são analisados quais os comportamentos do bebé que podem ser indicadores de uma construção de vinculação com os cuidadores. A fim de desenvolver esta categoria irei analisar a quarta e última pergunta das entrevistas.

3.1 - Leitura dos dados recolhidos

Categoria A – Valorização da vinculação na Creche

Relativamente à questão, **“que informação privilegia saber do bebé, que possa contribuir para a construção de uma Vinculação positiva?”** A resposta das Educadoras foi unânime ao afirmarem que consideram importante saberem a história da criança durante e após a gravidez. A título de exemplo referencio um das respostas a esta pergunta.

“como foi a gravidez, o parto e como decorreram os primeiros meses. Tento saber, também como é que o bebé esteve durante esses meses e como é a relação com os pais e com o meio envolvente.”

(Entrevista, Educadora A, Junho 2013)

A recolha das informações sobre o bebé, geralmente é feita nas reuniões realizadas antes no ano letivo começar. Normalmente estas reuniões têm como principal objetivo transmitir confiança aos pais assim como dar oportunidade de os pais colocarem todas as questões que tiverem, relacionadas com o funcionamento da sala bem como o da instituição.

“trata-se de numa conversa quase informal como os pais, principalmente com a mãe pretendo saber quais os seus

hábitos. Faço questão de que a construção da anamnese seja de forma discreta e não questionável.”

(Entrevista Educadora C, Junho 2013)

No que diz respeito à questão, “**como valoriza a vinculação**”, no geral, todas as educadoras responderam que a vinculação. Desta forma dou como exemplo a resposta de uma das educadoras á pergunta mencionada anterior.

“é a base de todas as relações vindouras “

(Entrevista Educadora C, Junho 2013)

Neste sentido, também nomearam o facto de a vinculação ser, todas, as relações estáveis e afetivas e que “uma boa relação do bebé com os seus cuidadores é fundamental para o seu bem estar e deve ser diariamente estimulada, tendo contudo o cuidado de não criar

‘laços exclusivos’, ou seja, um bebé habituar-se apenas a um adulto... Cabe aos adultos gerir esta ligação e estimulá-la.”

(Entrevista Educadora D, Junho 2013)

De acordo com Aragão (2004) é essencial que o educador consiga oferecer cuidados, ao bebé, mais individualizados e inclusivos, permitindo que haja mais intimidade e segurança na relação entre o bebé e o educador, mas no entanto deve ter consciência que o bebé não é a única criança do grupo e que as restantes crianças também necessitam da sua atenção. Deste modo O educador deve interagir de uma forma lúdica. Esta interação é bidirecional ou multidirecional, neste sentido o carácter lúdico transmite o prazer, o envolvimento, a exploração e a descoberta do mundo exterior que a rodeia.

No que concerne à questão **como se valoriza na creche a vinculação com os cuidadores?** Existe um consenso nas respostas dadas pelas educadoras, pois todas defendem que a rotatividade dos cuidadores deve ser muito reduzida ou inexistente, pois irá permitir à criança construir uma base segura com os adultos de referencia, o que não quer dizer que se o vinculo que se constrói não for tão significativo deixe de haver uma relação. Para exemplificar o que foi dito pelas educadoras transcrevo a resposta da educadora D.

“cada adulto tem a sua personalidade e o mesmo acontece com cada bebé. Por isso mesmo, cabe ao adulto, por ser a figura de referência, gerir essa hipótese de relação e interligação com o bebé. Com isto quero dizer que há adultos

com mais ou menos paciência, mais ou menos “mimosos” e também existem bebês mais ou menos rabugentos, mais ou menos colaborantes”.

(Entrevista Educadora D, Junho 2013)

Após analisar esta categoria é notória a preocupação e importância que as educadoras entrevistadas dão à história da criança durante e depois da gravidez, assim como à sua relação com os pais. Desta forma as educadoras conseguiram obter todas as informações que as ajudaram a lidar com a criança, nomeadamente conseguir saber o porquê de determinada atitude.

A vinculação é valorizada por esta educadoras, como sendo extremamente importante para o desenvolvimento da criança, assim como para o seu bem-estar,

Estas educadoras também dão, extrema importância à inexistência de rotatividade entre os cuidadores, de forma a criar uma certa estabilidade na sala e nas relações que as crianças vão construindo com as figuras de referência.

Categoria B – Comportamentos do bebê que evidenciam a construção da vinculação

O cuidador deve ter uma atitude afetiva, acolhedora, deve ser capaz de alimentar, mudar as fraldas, impor limites, dar carinho, estimular as áreas de desenvolvimento para que a criança se desenvolva como um todo.

O Educador ao criar um ambiente seguro, estável e ao mesmo tempo lúdico está a proporcionar a interação entre as crianças da mesma idade, e é nessa relação entre pares que passa a haver trocas significativas entre elas.

Relativamente à questão **quais os sinais que valoriza no bebê, que possam ser indicadores de uma construção de Vinculação com os cuidadores?** As educadoras entrevistadas estão em harmonia pois responderam que um dos sinais do bebê indicadores de uma construção de vinculação com os cuidadores é o olhar, tendo também valorizado o reconhecimento da sua voz, assim como,

“O palrar com... o ir para o colo, o facto de o bebé estar calmo e seguro com o adulto.”

(Entrevista Educadora A, Junho 2013)

“O Ficar bem na creche, o sorriso para os cuidadores e o sair do colo dos pais e ficar bem no colo dos cuidadores.”

(Entrevista Educadora B, Junho 2013)

O facto de as educadoras darem as respostas referenciadas anteriormente, demonstra que as mesmas estão, diariamente atentas aos comportamentos das crianças assim como às suas atitudes. Desta forma, valorizam todos os comportamentos estimulando a construção de uma base segura. Pois o essencial é que a criança se sinta segura e estável.

3.2 – Conclusão da análise dos dados

A discussão, numa investigação, tem três funções de relevo: extrair conclusões, interpretar os resultados e apresentar as implicações desses dados.

(Tuckman, 2005, p. 565)

Toda a informação que recolhi quando elaborei a referencial teórico deste estudo e a realização das entrevistas ajudaram a delinear um percurso para a realização de uma investigação exequível.

Desta forma, e tendo em conta as duas Categorias que juntamente guiam até ao tema principal deste relatório, a vinculação é construída e valorizada na creche. Deste modo, o educador está em contacto com as crianças e esse contacto é direto (Lipp, 2002). O cuidador deve ter uma atitude afetiva, acolhedora, como a de uma mãe, capaz de alimentar, mudar as fraldas, impor limites, dar carinho, estimular as áreas de desenvolvimento para que a criança se desenvolva como um todo. Neste sentido, é imprescindível a dimensão lúdica do envolvimento, que possibilite a exploração e a descoberta do meio envolvente

A presente análise de dados, revela a perceção que as educadoras têm em relação à construção de uma vinculação positiva na creche, considerando-a “ de extrema importância para o futuro da criança”.

Considerações Finais

Com a elaboração deste relatório final acredito ter alcançado os objetivos definidos inicialmente. Pois consegui compreender a forma como se constrói uma vinculação que possibilite a construção de uma relação afetiva que gere segurança, primeiramente com os pais e depois com os cuidadores na creche. Neste sentido tive a oportunidade de identificar a forma como é valorizada e construída a vinculação na creche, compreendendo como é que os cuidadores contribuem para construção de vinculação positiva.

Pude, igualmente, verificar que as educadoras entrevistadas dão muita importância à construção de uma boa vinculação durante o processo educativo da criança, nomeadamente quando este é iniciado no berçário.

A metodologia utilizada neste relatório, foi a investigação qualitativa, que se fundamenta numa pequena amostra. Na minha opinião foi uma mais-valia, uma vez que esta investigação assenta essencialmente na observação e na importância da mesma, dando menos importância ao produto do que ao caminho que o investigador leva até ele.

Relativamente à elaboração deste relatório, sobretudo na recolha de instrumentos de investigação, inicialmente pretendia fazer notas de campo, mas em conversa com a orientadora do relatório final, chegamos à conclusão de que faria mais sentido realizar entrevistas semiestruturadas a educadores, visto que a intenção do mesmo é perceber de que forma a relação e a interação da criança com a figura de vinculação na creche influencia o seu desenvolvimento. Sendo assim, ao realizar as entrevistas semiestruturadas a análise de dados ficaria muito mais enriquecida.

Enquanto futura educadora, acredito que esta pesquisa seja uma mais-valia, não só para mim enquanto profissional, mas também, e naturalmente para as crianças. Desta forma creio que intuitivamente eu analisei e refleti sobre as minhas atitudes e diálogos com os intervenientes.

Considero, que o paradigma de investigação qualitativa é efetivamente importante para um educador/investigador, que não só inicia agora o seu

trabalho, como para aquele que tem vários anos de experiência. Um educador/investigador deve estar em constante aprendizagem tendo a preocupação de universalizar a sua ação educativa.

Existiram também constrangimentos na realização do presente relatório, diretamente ligados essencialmente com a fundamentação de alguns conteúdos.

Como futura Educadora, este estudo contribuirá para implementar estratégias preventivas mais eficazes que visem melhorar o modo como as relações de vinculação com as figuras de referências são construídas e por mesma desenvolvida.

Em suma, e sendo este o Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, penso que foi uma mais-valia a nível da aquisição de conhecimentos relacionados com a investigação e também com o tema desenvolvido, uma vez que a vinculação é essencial no desenvolvimento social da criança, sendo ela feita com os pais e/ou com os cuidadores, independentemente das situações.

Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação - Um guia prático e crítico*. Lisboa: ASA.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S., & Bell, S. M. (1970) Attachment, exploration, and separation: Illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. *Child Development*, 41, 49-67.
- Ainsworth, M. (1979). Infant-mother attachment [Versão electrónica]. *American Psychologist*, 34(10), 932-937.
- Almeida, L. & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia da Educação*. (2ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Barone, F, (2010) *Manual do Trabalho Escolar* (2 ed.). Lisboa: Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
- Benavente, R.(2013) *Quando o amor não é imediato. Pais & filhos*. Lisboa
- Bogdam, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Investigação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bowlby, J. (1958). The Nature of the Child's Tie to his Mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.
- Bowlby, J. (1971). *Attachment and loss: Attachment* (vol. 1). Harmandsworth : Penguin.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.

Brazelton, T. B. (1994). Tornar-se família: o crescimento da vinculação, antes e depois do nascimento. Lisboa: Terramar.

Brazelton, T. B. (1988). Beginning of attachment, in Gomes Pedro, J., Biopsychologia da comunicação precoce pais filho, symposium internacional. Terramar.

Brazelton, T.B. & Cramer, B. G. A relação mais precoce, os pais, os bebés e a interação precoce. Lisboa: Terramar.

Camarneiro, A. P. (2007). Gravidez de Risco e Desenvolvimento do bebé. Março 2007, Coimbra. ISBN: 978-972-8485-80-1. p. 33-54.

Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.

Lipp, M. (2002). O Stress do Professor. Campinas, São Paulo: Papyrus.

Máximo-Esteves, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-acção. Porto: Porto Editora.

Montagner, H. (1900). A Vinculação – A Aurora da ternura. Instituto Piaget. Epigénese e desenvolvimento. Lisboa

Monteiro, L. & Veríssimo, M. Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: A especificidade das relações criança / mãe e criança / pai. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

Portugal, G. (1998). Crianças Famílias e Creches - Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebé à Creche. (7ªed.). Coleção Cidine. Porto: Porto Editora.

Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em Creche – Perspetivas de Formação Teóricas e Práticas. Infância e Educação, Revista do GEDEI. Porto: Porto Editora, 1, 85-106.

Quivy, R. & Campenhout, L. (2008). Manual de Investigação em Ciências Sociais. (5ªed.). Lisboa: Edições Gradiva.

Sá, E. (2001). *Psicologia do feto e do bebé*. Lisboa. Fim de século. ISBN: 972-754-195-X.

Siddiqui, A. (1999) – An exploration of prenatal attachment in Swedish expectant women. *Journal of Reproductive and Psychology*, Vol.17, nº4. p. 369-380.

Spitz, R. A. (1945). *Hospitalism: an inquiry into the psychiatric conditions in early childhood*, *The Psychoanalytic Study of the child*,. P. 53 – 74.

Simpson, J. A. (1999). Attachment theory in modern evolutionary perspective. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 115-140). New York: The Guilford Press.

Sroufe, L. A. & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199

Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. A. (1999). The nature of individual differences in infant-caregiver attachment. In J. Cassidy & P.R. Shaver.

Weikart, D, Hohmann, M, (2009). *Educar a Criança* (5 ed.) (p. 89-95/614-620). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos